

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Entrevista

O desafio de educar para a paz



Na busca do
sabor do saber



Editorial	4
Curriculo integrado	
Cartas	5
Parabéns, Giramundo, Revista 10, 2ª Coordenadoria Regional de Educação	
Ponto e Contraponto	6
Vera Candau, da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos, defende a necessidade de se educar para a paz.	
Zoom	10
Pais contam qual a escola dos sonhos para seus filhos	
Olho Mágico	12
Os profissionais que integram as equipes de externa da MULTIRIO	
Professor On-line	13
A rotina da cidade no Diário Oficial	
Pé na Estrada	14
Oficinas dos Núcleos de Arte inspiram alunos a seguir carreira artística	
Capa	18
As rápidas transformações na sociedade exigem que a escola redimensione suas posturas, atividades e compromissos	
Atualidade	24
Como legalizar a sua cooperativa	
Carioca	26
Centro Coreográfico do Rio abrirá as portas em agosto para a prática e pesquisa em dança	
Rede Fala	28
A formação do leitor em questão	
Caleidoscópio	30
Produtos da MULTIRIO na sala de aula	
Tudoteca	33
O que levar em conta na hora de escolher os livros para a biblioteca escolar	



Empresa Municipal de Múltímeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
 CEP 22260-210 • www.multirio.rj.gov.br • ouvidoriamultirio@cpri.rj.gov.br
 Central de atendimento: (21) 2528-9292 - Fax: (21) 2537-1212

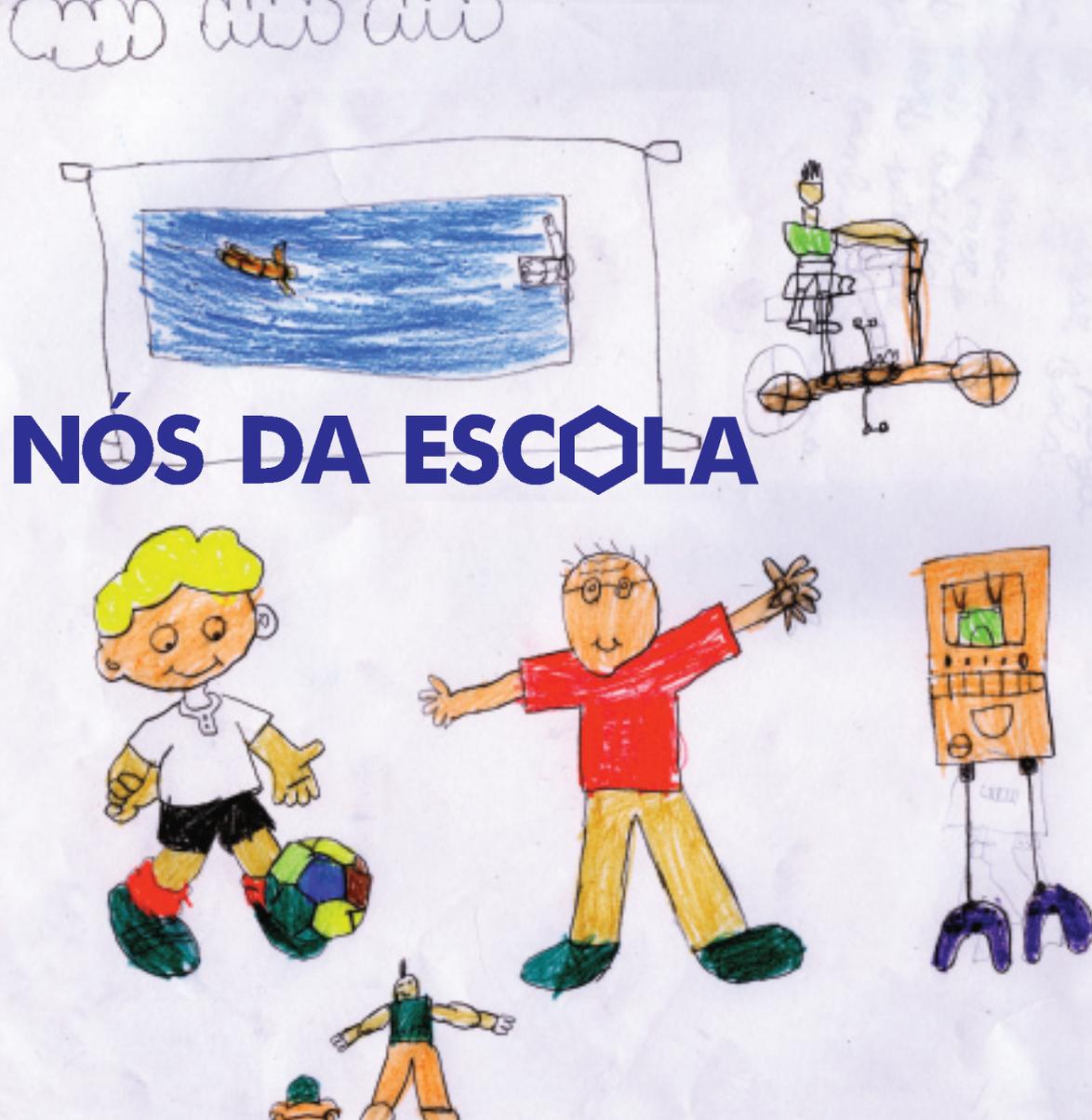
Cesar Maia - Prefeito • **Sonia Mograbi** - Secretária Municipal de Educação • **Regina de Assis** - Presidente da MULTIRIO • **Maria Inês Delorme** - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTB, 22.628) • **Eilda Vaz** - Assessora de comunicação e ouvidora • **Guaira Miranda** - Gerente de multimídia

Equipe de Produção: **Alberto Jacob Filho** - Fotografia • **Oristina Campos** - Conteúdo • **Cristina Morel** - Conteúdo • **Erick Grigorovski** - Ilustração • **Joanna Miranda** - Conteúdo • **Lúcia Barreiros** - Produção gráfica • **Marcus Tavares** - Reportagem • **Martha Neiva Moreira** - Edição • **Nancy A. Soares** - Revisão • **Carla Helal** - Revisão • **Eduardo Orefiano** - Ilustração • **Suely Barreto** - Conteúdo • **Tania Oliveira** - Projeto gráfico e editoração

Fotólitos e Impressão: **Gráfica e Editora Posigraf** • Tiragem: 40 mil exemplares

Capa: **Alunos da Escola Nacional de Circo: Antônio Campos Soares, Geílson Benício de Santana, Daniel Marins da Silva, Francimar Bulcão Sales, Miguel Angelo Caetano e Raimundo Nonato Nogueira Costa**

Desenho do aluno Ruy Wilson, Escola Maria Claudete, Tijuca, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)



Este é um mundo veloz na informação. Os fatos acontecem e são vistos em tempo real. São mostradas, simultaneamente, opiniões diversas e repercussões. O debate se instala e múltiplas facetas são analisadas.

Este é apenas um aspecto da grande transformação tecnológica que vem ocorrendo neste mundo em que vivemos e que nos obriga a refletir sobre esta sociedade com relações mudadas e sobre o papel da educação e da escola, que deve estar antenada com seu tempo social.

Este é também um tempo de questionamento quanto à sociedade em que vivemos e a que queremos, mais igualitária, mais justa.

Respeitando a identidade de cada um, não podemos deixar de entender que a comunidade à qual pertencemos está inserida em uma cidade cosmopolita, em um mundo globalizado, com todas as implicações que isto significa.

Ensinar neste mundo é um desafio permanente e a escola não responderá a ele se trabalhar de forma compartimentada. Atualizar a MultiEducação objetiva propiciar a integração das áreas de conhecimento, agregando os valores éticos, estéticos e políticos das Diretrizes Curriculares Nacionais, contribuindo, desta forma, para a Educação Cidadã.



Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Parabéns

Gostaria de parabenizar a Equipe Editorial da **Nós da Escola** pelo excelente trabalho produzido. A qualidade do material superou as expectativas que tive no primeiro contato com a revista. Fiquei surpreso em saber que há um bom elemento de comunicação que possibilita a atualização cíclica dos professores da Rede Municipal de Ensino do Rio. Acabo de chegar ao município e adorei a proposta desta publicação. Desejo sugerir um tema um pouco polêmico, mas que faz parte do atual cotidiano escolar, que é a violência sofrida por alguns professores na escola. Será que existe caminho para uma possível mudança no panorama atual? Espero poder contribuir de alguma forma para manter o nível da **Nós da Escola**. Estimo-lhes sucesso nesta empreitada de atualização docente, que é tão dura quanto o ato de lecionar, e que colabora com quem tem a árdua missão de ensinar e aprender.

Professor Leonardo J. Mataruna dos Santos @
Escola Municipal Ordem e Progresso, Higienópolis,
Zona da Leopoldina, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - Professor, agradecemos a mensagem. Vamos avaliar sua sugestão. Muito obrigado pela participação e pelos elogios.

Revista 10

Gostaria de parabenizar a equipe da revista **Nós da Escola** pela beleza, pela qualidade editorial e pelo valor dos conteúdos apresentados na edição de número 10, que tratou dos temas relativos à educação, cidadania, história e cultura dos brasileiros afro-descendentes de forma generosa, respeitosa e inteligente. O legado cultural negro é, sem sombra de dúvidas, um dos pilares que sustentam o sentido de pertencimento da grande nação cultural brasileira e o tratamento deste patrimônio, que lhe foi conferido pela competente equipe da **Nós da Escola**, o que se constituiu em um exemplo a ser seguido pelos mais diversos meios de comunicação no Brasil.

Denise Pini Rosalema da Fonseca, Ph.D. @
Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afro-
Descendente - NIREMA - PUC-Rio (RJ)

N. da R. - Denise, a equipe da MULTIRIO agradece.

☐ Carta ☐ Telefone @ E-mail



Giramundo

Gostaríamos de parabenizá-los pelo trabalho desenvolvido pela revista **Nós da Escola**, que é muito importante para os profissionais da educação. Ela nos ajuda muito na prática pedagógica, assim como a coleção Giramundo. A respeito do Giramundo, gostaríamos de saber o que fazer para receber os últimos exemplares, já que estávamos de licença-maternidade.

Professora Glória Cristina S. Marques ☐
Escola Municipal Virgílio de Melo Franco,
Água Santa, Zona Oeste, Rio de Janeiro (RJ)

Professora Helena Pereira Silva ☐
Escola Municipal Edgar Sussekind de Mendonça,
Engenho de Dentro, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - Professoras, o Giramundo tem o objetivo de contribuir, assim como as matérias da revista, para a prática da sala de aula. Ficamos contentes com a avaliação. Com relação à coleção, já enviamos para as escolas.

2ª Coordenadoria Regional de Educação

Aquele abraço à professora Maria Inês Delorme e equipe pelo excelente trabalho e bom relacionamento que vem sendo realizado com a nossa escola. Vocês estão sempre prontos para nos atender em nossas necessidades. Parabéns à revista **Nós da Escola**.

Equipe de professores ☐
Escola Municipal Casa Criança Chácara do Céu,
Tijuca, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - A MULTIRIO agradece os comentários.

Educação para a paz: desafio urgente e necessário



Desenho da aluna Marina Gomes Correia, 4ª série, Escola Municipal Jofina Lopes de Almeida

Vera Maria Candau, professora do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e membro da ONG Novamérica e da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos, defende a necessidade de se educar crianças e jovens para a paz. Reconhece que o trabalho não é fácil para as escolas, pois os cursos de formação de professores, em geral, se preocupam apenas com as áreas de conhecimento e com as metodologias de ensino. Mas acredita que o contexto do mundo atual mostra a necessidade do surgimento de sociedades mais democráticas e justas, o que exige a promoção de uma cultura de Direitos Humanos e da Paz: “É necessário, é urgente, é preciso”, destaca em entrevista à **Nós da Escola**.



A senhora afirma que falar de paz nos dias de hoje é uma questão complicada e difícil. Por quê?

Vera Candau - Porque, embora seja uma aspiração profunda de toda a humanidade, a atual sociedade - tal como está configurada - desenvolve em todos nós uma dinâmica de agressividade, de ver o outro como inimigo, como competidor. O diferente é sempre o inimigo e você deve proteger-se dele. Para isso precisa atacá-lo, discriminá-lo e se valer de atos violentos. A paz questiona esta lógica de olhar o outro como inimigo. Questiona a lógica da sociedade atual, a sua dinâmica cotidiana, onde todas as pessoas estão diariamente guerreando para sobreviver; e a lógica das relações internacionais, centrada no poder bélico e econômico, que passa por cima de todas as regras de convivência e de negociação. A paz questiona tanto as atividades marcadas pela agressividade, pela negação do outro, quanto a lógica que impera nas relações macrosociais e políticas - que teimam em querer resolver os problemas na base do militarismo e do poder econômico. Corremos o risco ou de negar a realidade ou de não reconhecer o sentido profundamente antropológico e político-social do anseio de paz, presente nos indivíduos e nos grupos sociais.

Portanto, estamos cercados por vários tipos de guerras?

Vera Candau - Exatamente. No momento, estamos perplexos com a guerra entre os EUA e seus aliados e o Iraque. Esta não é uma guerra apenas entre alguns países. É uma guerra que afeta a humanidade inteira e que tem a ver com todos nós. Mas esta não é a única guerra que existe, evidentemente. Vivemos aqui mesmo no Rio de Janeiro uma guerra cotidiana - violenta, forte e nada surda. E não é só isso. Também convivemos, por exemplo, com a guerra contra a fome, contra as doenças infecto-contagiosas, contra a miséria. Além destas, há também as guerras travadas no mundo microsossial de cada comunidade, de cada família, no âmbito das relações interpessoais, fruto de uma sociedade configurada pela lógica do mercado, do consumo, que estimula a competição e a agressividade entre as pessoas. Portanto, hoje, temos uma multiplicidade de guerras e estamos envolvidos em quase todas elas: seja a do Iraque, a do Rio de Janeiro, a vivenciada nas nossas relações familiares e profissionais. Guerras no nível micro e macro que temos que manejar, desvencilhar e trabalhar, continuamente.

Face a este mundo de guerras, a senhora defende uma paz, mas uma paz que não se traduza em ausência de conflito. Por quê?

Vera Candau - Se nos colocarmos nesta perspectiva, estaremos idealizando a paz, pois o conflito é inerente à vida humana. Não há crescimento pessoal sem que tenhamos que passar por momentos de crise e de conflito. Também no plano social, o conflito é parte da dinâmica de relações e do confronto de interesses. Em uma sociedade pluralista, o reconhecimento da diferença, em suas diversas configurações, passa por processos de confronto social, sem os quais é impossível que o reconhecimento e a conquista de direitos se dê. É preciso defender uma paz que enfrente os problemas pela via da negociação, do diálogo, do reconhecimento mútuo, da valorização da diferença. A paz que se deve construir não é aquela que vai negar os conflitos, as tensões, os grandes desafios, mas é a que aposta sempre na negociação. É possível, sim, enfrentar ▶

“A paz questiona a lógica de olhar o outro como inimigo. Questiona a lógica da sociedade atual: a sua dinâmica cotidiana e as relações internacionais”

“ **A paz que se deve construir não é aquela que vai negar o conflito, as tensões, os grandes desafios, mas é a que aposta na negociação** ”

todos os conflitos por outra via, que não seja a da guerra. Não construiremos a paz se não nos desarmarmos das nossas armas materiais, mas também se não desarmarmos nossos espíritos, nossos sentimentos, tudo o que há em nós de negação do outro, de não-reconhecimento, de prepotência, de exclusão dos “diferentes”. É isso que chamo de educar para a paz.

Educar para a paz é então uma nova atribuição da escola deste início de século?

Vera Candau - A educação sempre esteve impregnada por valores, mas este trabalho específico e explícito em Direitos Humanos, e em especial o voltado para a paz, é recente sim. Começou a ser debatido e defendido amplamente do final dos anos 1980 para cá e, muitas vezes, de forma bastante tímida. Um trabalho necessário, desejável e, reconheço, difícil para as escolas.

Por quê?

Vera Candau - Primeiro pela problemática da própria realidade no plano internacional e local. E, por outro lado, porque os professores não estão preparados. Os cursos de formação de professores, como já afirmei, têm privilegiado outras dimensões da formação docente, os conteúdos que os professores devem ensinar - Matemática, Língua Portuguesa, Ciências etc. - com as metodologias específicas. O debate em torno da construção de atitudes, comportamentos e valores - orientados para a formação da cidadania e para a promoção de uma cultura da não-violência - em geral não está presente nestes cursos, ou é muito frágil. Portanto, quando os professores chegam à sala de aula, mesmo querendo, não conseguem trabalhar com esses conceitos, valores e práticas, não sabem como atuar. Acho que, na verdade, falta uma política clara e forte nesta perspectiva de educar para a paz. Quando existem, são, em geral, atividades extracurriculares que acabam não interagindo com o currículo escolar. É preciso que o currículo escolar esteja continuamente dialogando com a sociedade, com suas inquietudes e problemas. É preciso que o currículo esteja, sim, voltado para a cidadania nas suas diversas dimensões.

Se a educação para a paz deve fazer parte do currículo escolar, a escola não deve esconder ou mascarar a realidade do mundo de hoje para as crianças e os jovens. Certo?

Vera Candau - Isso mesmo. As crianças e adolescentes são partes desta realidade. A realidade não está lá e eles aqui, seja porque eles assistem aos noticiários na TV, seja porque são vítimas e mesmo protagonistas de situações traumáticas, ou simplesmente porque estão presentes nela. Eles não estão fora, estão dentro da problemática. Uma educação para a paz não pode ser um processo que leve, de alguma forma, a velar a realidade, a calar as diferentes vozes, particularmente as dos excluídos, a não enfrentar a desigualdade e a exclusão crescentes na nossa sociedade. A escola tem que olhar a realidade e trazê-la para a sala de aula. Deve ser capaz de analisá-la com os alunos, ser capaz de olhá-la de diferentes ângulos e de gerar um compromisso. Lembro-me do assalto ao ônibus 174, que aconteceu no Jardim Botânico, zona sul do Rio de Janeiro. Uma escola que fica perto do local resolveu trabalhar este trágico acontecimento com os alunos. Discutiram, analisaram o tema. Redigiram um manifesto e encaminharam ao governador. E mais: resolveram fazer algo e terminaram por criar um curso pré-

vestibular comunitário oferecido a pessoas das camadas populares, onde os professores seriam os próprios alunos. Foi o modo que encontraram de não ficar passivos e colaborar na construção da cidadania. A escola não ficou apenas na indignação, nem na análise e no debate do tema. É preciso gerar compromissos. Temos que apostar nisso, por mais que nos sintamos impotentes e como se fôssemos formiguinhas.

Diante da importância da educação para a paz, qual o papel da família?

Vera Candau - Família e escola. Cada uma tem seu papel. Educar para a paz não é responsabilidade só da família, muito menos só da escola. É, sim, dos diferentes espaços sociais nos quais a família e a escola ocupam um lugar privilegiado. É necessário promover a parceria entre a família e a escola. É fundamental. Mesmo porque o intrafamiliar tem níveis de agressão, violência física e psicológica muito fortes, o que favorece a lógica da competição, da agressão, da negação do outro.

A senhora acha que a paz é tangível?

Vera Candau - A paz é um processo. À medida que você conquista um determinado patamar, você amplia seu horizonte. Você descobre novas aspirações. A sociedade quer justiça. Quando a sociedade conquista alguns aspectos nessa direção, o seu conceito de justiça, a sua aspiração de justiça se dilata e surgem novas buscas. Com a paz acontece a mesma coisa. No momento, estamos em um patamar mínimo de aspiração à paz: não queremos guerra. Esse é o patamar mínimo. Essa é a aspiração de paz do momento. Aspiração que hoje adquire uma conotação muito concreta. De certa forma, até pensávamos que no terceiro milênio, pelo menos no cenário internacional, depois das duas grandes guerras mundiais, a humanidade tinha aprendido a lição de que a guerra não resolve os problemas. A gente achava que já tínhamos superado essa fase. A construção da paz tem avanços e retrocessos. Esse grito quase que universal por paz é, na verdade, um grande avanço, que se expressa por manifestações, passeatas de crianças, jovens e adultos. A paz é uma construção que precisa estar continuamente sendo trabalhada, pois dificilmente podemos dizer: basta de paz.

A imagem, muitas vezes vinculada pela mídia, de que os brasileiros são cordiais, acolhedores e festeiros demonstra que somos um povo pacífico?

Vera Candau - Acho que essa é uma imagem idealizada, historicamente construída, extremamente ideológica, do povo brasileiro. É uma visão estereotipada sobre o brasileiro. Pois este mesmo brasileiro que convive e produz a guerra urbana, convive também com formas muito sutis, veladas, mas nem por isso menos perversas, de racismo, de discriminação, e com índices absurdos de pobreza, miséria e desigualdade social. O brasileiro tem diferentes caras, tanto as festivas quanto as cruéis. Acho que é importante assumir a cara cruel, caso contrário vamos nos esconder sempre por detrás da cara festiva e isso fará com que a sociedade não questione os índices de violência, de racismo, de discriminação, de guerra cotidiana. ■

“ **O brasileiro tem diferentes caras. Acho importante assumir a cara cruel, caso contrário vamos nos esconder sempre por detrás da cara festiva e isso fará com que a sociedade não questione os índices de violência, de racismo, de discriminação, de guerra** ”

O escritor Frei Betto tem um belo texto, intitulado "A escola dos meus sonhos" (Nós da Escola, nº 4), que descreve o que seria, para ele, a escola ideal. Nesta escola, entre outros aspectos, os alunos aprenderiam a cozinhar, a consertar eletrodomésticos, a cantar no coro e a tocar na orquestra. Aprenderiam também o trabalho de lixeiros, carteiros e guardas de trânsito. Nas aulas de Matemática, os professores buscarem exemplos nos leilões de privatizações; nas de Português, nos textos de apresentadores de TV. Nessa escola, consumidores não seriam forçados, mas sim cidadãos.

O sonho da escola ideal, que seja totalmente integrada à família e à sociedade, não é privilégio apenas do teólogo, autor de "Alfabeto - autobiografia escolar" (Editora Ática). Essa escola povoa o imaginário de muitos pais. Alguns deles foram ouvidos pela equipe de **Nós da Escola**. Veja a seguir.

Um sonho de escola

"É uma escola onde a Pietra é a Pietra, e não 'aquela-menina-que-senta-ali-no-canto', o Enrico é o Enrico e eu sou o Roberto. É um lugar no qual eu estabeleço uma relação de confiança com os profissionais e que acolhe pais, alunos e funcionários. Posso dizer que essa escola tem poucos alunos, que sentem saudades um dos outros nas férias, tem uma casa grande, com terreno para as crianças plantarem a 'salada' que comem, tem animais e piscina. Faz parte de sua programação uma visita à PUC a cada duas semanas, para os alunos cuidarem da árvore que plantaram ali. Essa escola valoriza no currículo a terra e a ecologia, assunto que faz parte da rotina dos alunos, desde pequeninhos. Posso dizer que a melhor escola do mundo é aquela em que meus filhos estão."



Roberto Silva, músico - pai de Pietra, 5 anos, e Enrico, 4.

"A escola ideal seria uma escola pública que espelhasse a diversidade da sociedade. Nela, as crianças viveriam a excitação de descobrir - as perguntas seriam tão valorizadas quanto as respostas. Seria uma escola laica, pluricultural, que respeitasse as particularidades de cada grupo étnico, valorizando sua contribuição à sociedade. A ciência, a literatura e as artes seriam apresentadas como a herança comum da humanidade, os ingredientes para uma visão tolerante e ecológica sobre a nossa espedaçonave Terra. A escola promoveria a consciência crítica das crianças com relação ao consumismo, às desigualdades sociais, a tecnologia desumanizada e aos esquemas políticos e religiosos de exclusão. Enfim, um espaço prazeroso de convivência e aprendizado, não só das crianças mas de toda a comunidade."



João Torres, professor e pesquisador do Instituto de Física da UFRJ - pai de Juana, 10 anos, e Cora, 8.

"Hoje a minha principal preocupação é com a segurança na escola. Quero saber quem são os estudantes, se dentro da escola tem drogas, se o recreio do meu filho é com alunos da mesma faixa etária dele e coisas deste tipo. Quanto ao ensino, não busco uma escola que seja, como as pessoas dizem por aí, 'puxada'. Quero que meu filho aprenda a ler e escrever e não que fique neurótico por causa dos estudos."



Margareth Rabaça, empresária - mãe de Filipe, 5 anos.

"Valorizo muito a questão da afetividade; professores que sejam atenciosos e carinhosos com a minha filha é o que busco. E claro que ela precisa estar feliz, sentindo-se adaptada ao local. Outra coisa importante: a boa relação da equipe da escola com os pais e, claro, a experiência em lidar com crianças."



Luciano Bevilacqua, designer - pai de Joana, 2 anos e meio.



"Tenho uma filha no Ensino Fundamental e outra no Ensino Médio. Para a primeira, o importante é uma escola que tenha afinidade com os valores da minha família, que se preocupe com o humanismo e a solidariedade e que possibilite ao aluno expressar sua criatividade, liberdade e autonomia. Para a outra, que está no Ensino Médio, valorizo uma escola que apresente aos jovens, de forma clara, os fundamentos das diferentes áreas do conhecimento. Na área científica, por exemplo, os professores deveriam trabalhar a prática; nas humanas, haveria debates com profissionais especializados no tema. Na verdade, neste segmento, o que importa é oferecer à garotada experiências de vida que os ajudem a ver um significado no conhecimento e a escolher a carreira que querem seguir."

Tania Goldbach, professora do Cefet/Química - mãe de Gabriela, 13 anos, e Felipe, 16.

Registros da cidade

Equipes da MULTIRIO descobrem como televisão pode ser espaço de formação e de informação

Testemunhas oculares do Rio de Janeiro. Assim também podem ser chamadas as três equipes de externa da Diretoria de TV da MULTIRIO. Há anos, suas lentes e microfones vêm registrando imagens e sons do cotidiano da cidade – suas histórias, belezas e personagens. Seus integrantes conhecem museus, pontos turísticos, eventos do calendário carioca e os diversos serviços públicos oferecidos pela Prefeitura. As equipes estão pelas ruas da cidade, quase que diariamente, produzindo os programas da casa.

O ritmo de trabalho é intenso, mas gratificante, pois mostra – segundo cada membro das equipes – o quanto a televisão pode servir como espaço de informação e formação, como explica Sérgio Muniz, técnico de áudio: “Acabamos descobrindo isso aqui na MULTIRIO. Por meio dos programas da casa, podemos educar as pessoas, mostrando, com uma reportagem, a importância de preservar a natureza, de combater a violência, de promover a solidariedade e a integração entre as pessoas”.

Integração que o cinegrafista Rodrigo Trovão Nascimento observa constantemente nas escolas da Rede Municipal de Ensino. Rodrigo faz parte da equipe de TV do programa “Nós da Escola” que percorre as escolas da cidade: “Existe um certo preconceito com relação à escola pú-

blica. Puro desconhecimento. Nós, que estamos quase que diariamente gravando nelas, percebemos o quanto o trabalho desenvolvido pelos professores, funcionários e diretores é de extrema competência e integração. O amor, a dedicação e o profissionalismo das escolas realmente surpreendem e emocionam”.

Que o diga Nilton Agapito, eletricista da equipe. No ano retrasado, ao chegar à Escola Municipal Professor Floriano de Brito, na Serra do Mendanha, zona oeste do Rio, Agapito reconheceu a antiga escola, onde estudou quando criança. Para sua surpresa, a diretora, sabendo da história, foi até os arquivos. Achou sua ficha de matrícula. “Foi emocionante. Um simples gesto, mas que mostrou o quanto a escola tem carinho pelas suas crianças.”

Carinho esse que faz com que cada um dos membros da equipe redobre o cuidado durante o trabalho. “Somos uma equipe de TV, mas uma equipe de TV da MULTIRIO que acredita na importância da educação. Por isso, procuramos antes de mais nada respeitar

a individualidade de todos, ser solidários e desenvolver um trabalho de qualidade, tanto em relação ao conteúdo quanto em relação à estética da linguagem televisiva”, resume o cinegrafista Rogério Marins, que responde pela equipe mais antiga da casa e que, hoje, está à frente do programa “Rio, a Cidade!”.

Um trabalho de qualidade que, ao mesmo tempo, enriquece a equipe, como afirma o cinegrafista Márcio Pereira: “Descobrimos cada vez mais curiosidades e temas relacionados à educação, às escolas, ao dia-a-dia e à cidade. É duplamente gratificante trabalhar na MULTIRIO”. ■



Quem é quem

Cinegrafistas – Márcio Pereira, Rogério Marins e Rodrigo Trovão Nascimento

Aux. de Câmera – Denilson Vianna, Wayne Lopes

Iluminadores – Darci Fernandes, Damião Castro de Oliveira e Nelson Jorge Miranda de Azevedo

Operador de Áudio – Eric Wilson Matos da Silva, Olivaldo Meireles e Sérgio Muniz

Eletricista – Nilton Agapito



Dia-a-dia do Rio em projeto pioneiro

Além de informações sobre ações da prefeitura, o D.O. traz dicas de eventos gratuitos na cidade e artigos sobre temas variados

Nem todos sabem, mas a Prefeitura do Rio é a única em todo o estado que dispõe de um espaço para divulgar as ações da administração pública municipal. Criado em 1987, *A Prefeitura do Rio - Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro* é uma publicação diária da Prefeitura do Rio, com tiragem de 3.800 exemplares e versão *on-line*, que reúne decretos, resoluções, avisos de licitação, de obras, editais de concursos, informes de eventos culturais, entre outras informações.

Além de ser pioneiro no que diz respeito ao conteúdo, o D.O. do Rio inovou também na forma. É o único que dá um tratamento de notícia às informações que traz. “A ideia de dar um tratamento jornalístico à primeira página do D.O. foi do prefeito Cesar Maia. Assim, quem não pode ler o D.O. todo saberá, pela primeira página, os fatos de maior repercussão”, explica a secretária Ágata Messina.

Mesmo com as principais notícias destacadas na primeira página, a consulta ao D.O. pode ser tarefa complicada por conta do volume de informações. Quem resolver se aventurar por suas páginas deve ter em mente que ele é organizado segundo uma ordem. Nas primeiras páginas, estão os atos do prefeito (decretos aparecem sempre

antes dos despachos e resoluções) e do Gabinete do Prefeito. Nas seguintes, são publicados os atos e despachos dos secretários e subsecretários e, depois, das coordenações e das empresas vinculadas à prefeitura. Nas páginas finais aparecem avisos de concursos.

Na versão *on-line*, disponível no site www.rio.rj.gov.br, é possível consultar o D.O. na íntegra e as edições em arquivo desde 2001.

Dicas culturais – Na internet também estão disponíveis três outras publicações vinculadas ao D.O., todas produzidas pela Secretaria Especial de Comunicação Social.

A Prefeitura do Rio Semanal é uma publicação de quatro páginas veiculada às quintas-feiras. Com tiragem de 20 mil exemplares, o jornal traz o resumo das principais notícias da semana e dicas dos eventos culturais do fim de semana. “Distribuímos em vários pontos da cidade, inclusive para as CREs, de modo que o cidadão carioca possa programar seu fim de semana de graça”, informa Ágata.

Com tiragem de 240 mil exemplares, *A Prefeitura do Rio Regional* já tem espaço garantido na vida do carioca. São 12 jornais mensais, um para cada subprefeitura, nos quais se pode encontrar notícias sobre as ações da prefeitura naquela área, dicas culturais, curiosidades do bairro, depoimentos de moradores e informações sobre programas sociais desenvolvidos na região.

De todas as publicações vinculadas ao D.O., o *Rio Estudos* é a única que não tem uma periodicidade certa. É um encarte que traz artigos sobre temas variados. Os textos são extraídos de estudos acadêmicos, relatórios de viagens de secretários, relatórios de técnicos da prefeitura etc. Segundo a secretária Ágata Messina, não há um critério para selecionar o que sairá publicado no caderno. “Desde que seja interessante, qualquer tema é válido”, diz.

Quem quiser consultar as três publicações via internet poderá acessar o site da Secretaria. O endereço é www.rio.rj.gov.br/seccs. ■



Arte para quem precisa

Projeto do Núcleo de Arte, da SME, atende mais de três mil crianças e jovens

Igor Siqueira tem 18 anos e há dois foi selecionado entre mais de 100 candidatos para integrar o *Projeto Villa-Lobinhos*, iniciativa que forma jovens instrumentistas oriundos de famílias de baixa renda e que conta com o apoio da ONG Viva Rio e do Museu Villa-Lobos. Desde então, o jovem flautista, que também faz parte do grupo Flautistas da Pró-Arte, já participou de vários concertos ao lado de músicos consagrados como Hermeto Pascoal e Edu Lobo. Ele conseguiu também uma bolsa em um curso de inglês e é monitor de uma turma do projeto *Dançar para não Dançar*. Seu projeto de futuro: ganhar o mundo com sua música.

Anderson Gonçalves, de 16 anos, começou a tocar flauta aos 12. Hoje, toca 12 instrumentos e já está, ao lado do colega Paulo Alberto Bezerra, 18, organizando as apresentações da banda B.O., da qual fazem parte. Com um repertório que vai de rock a MPB, passando pelo chorinho, eles planejam seguir a carreira ar-

tística. Kárita Baía, 16, frequenta aulas de artes cênicas e há algum tempo alimenta o sonho de ser atriz. Wilton Bernardes, 18, já é ator. Ele e seu grupo, o Jovens Atores, apresentaram o espetáculo *Sonhos e pesadelos* no Sesc de São João de Meriti e já foram indicados e receberam prêmios em festivais escolares de teatro.

Igor, Anderson, Paulo Alberto, Kárita e Wilton têm em comum o interesse pela arte. Arte que se tornou meta profissional depois que esses jovens começaram a frequentar um espaço que, para cada um, tem um significado muito especial. "É a minha segunda casa. Se não estou na escola, estou aqui", diz Kárita, após o ensaio de uma versão bem brasileira do clássico de William Shakespeare, *Romeu e Julieta*. Kárita e os quatro garotos são alunos de um dos nove núcleos de arte da rede municipal de ensino do Rio.

O projeto, criado em 1994 e implantado efetivamente em 1998, oferece aos estudantes das 1.037 escolas municipais e moradores das comunidades próximas a oportunidade de entrarem em contato com as diferentes linguagens artísticas. Hoje são atendidos pelos núcleos 3.160 crianças e adolescentes, dos quais 28 são portadores de necessidades educativas especiais. As aulas são oferecidas no horário inverso ao da escola.

Transformação - Se para os cinco jovens artistas o núcleo representou um encontro profissional, para outros, como Joelmir Santos Araújo e Josias Simeão da Silva, ambos de 15 anos, representa simplesmente a possibilidade de fazer o que eles adoram: desenhar. Joelmir e Josias frequentam as aulas de artes plásticas no Charles Dickens e, embora tenham muitas dúvidas quanto à carreira, têm plena certeza que estão realizando uma atividade criativa que, no mínimo, ocupa o tempo ocioso. "Enquanto estou aqui, ocupo meu tempo com algo criativo que pode ser útil e transformador", diz Josias.

O adolescente está coberto de razão. Criatividade, utilidade, transformação são palavras que podem ser muito bem associadas ao trabalho desenvolvido nos núcleos. Da mesma forma, educação, renovação, responsabilidade. Na verdade, o projeto Núcleos de Artes é um pouco disso tudo se levarmos em conta que sua principal "missão" é, na definição de Marcos Miranda, supervisor do Programa de Extensão Educacional do Departamento Geral de Educação da Secretaria Municipal de Ensino do Rio (SME), ampliar a percepção do mundo por meio da arte: "Acreditamos que quando se trabalha com a arte, se trabalha com a dimensão do sensível. Este despertar para a sensibilidade se leva para toda a vida, ainda que não tenhamos nosso futuro traçado pelo caminho das artes". ▶



Música, desenho e dança. Três linguagens artísticas que inspiram os jovens que frequentam os núcleos de artes



Igor Siqueira quer abrir uma escola de música para ensinar crianças de baixa renda

Para que esse objetivo seja alcançado, todo o trabalho dos núcleos é estruturado em três pilares: a produção, a crítica estética e a história da arte. Abordagem que é inspirada na Proposta Triangular, desenvolvida no Brasil pela professora Ana Mae Barbosa (ver box) e que, na prática, funciona mais ou menos como na montagem da peça Romeu e Julieta pelo grupo do Núcleo de Arte Albert Einstein, na Barra da Tijuca. "Para fazer a produção, os alunos pesquisaram, viram vários filmes sobre o romance, leram o original de Shakespeare, discutiram muito. Com isso, tiveram subsídios para fazer sua releitura da peça", conta Thereza Cristina Ferraz, coordenadora do Núcleo.

O professor de teatro Rodrigo Rangel - que acaba de voltar da Rússia, onde fez um curso sobre o método Stanislavski de atuar, o qual, aliás, pretende aplicar em suas aulas - explica que a versão deles de Romeu e Julieta é passada no sertão do Brasil e integra as diferentes linguagens: dramatização, música e dança. A peça conta ainda com três narradoras, que dão informações sobre a vida de William Shakespeare, como forma de contextualizar a obra original.

Com os alunos, Rodrigo organizou o espaço onde a montagem é ensaiada. Eles criaram o cenário, os holofotes, usando latas velhas e gelatina, e toda a estrutura elétrica de iluminação. Esta produção, na opinião de Thereza, é um bom exem-

plo da aplicação prática do conceito difundido pela professora Ana Mae, no qual os alunos não são apenas alfabetizados na linguagem artística, mas participam de todo o processo artístico. ■

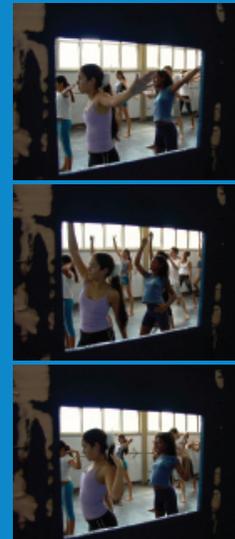


A Secretaria Municipal de Educação tem nove núcleos de artes espalhados por vários bairros da cidade - Gávea, Copacabana, Cidade Nova, Engenho de Dentro, Penha, Piedade, Curicica, Barra da Tijuca e Campo Grande - e mais dois em fase de implantação. Eles oferecem oficinas de Arte Literária, Artes Visuais, Dança, Música, Teatro e Vídeo. As oficinas são oferecidas nos módulos Básico, Continuidade e Montagem. Mais informações no telefone 2503-2170 e no site www.rio.rj.gov.br/sme

Quem trabalha com o ensino da arte está acostumado a ler e ouvir o nome de Ana Mae Barbosa. Professora de pós-graduação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e diretora do Museu de Arte Contemporânea da mesma universidade, ela é autora de vários livros e artigos sobre arte-educação, especialmente sobre a Metodologia Triangular, que prefere chamar, de uns tempos para cá, de Abordagem ou Proposta Triangular. "O termo metodologia passa a idéia de uma sistematização mais rígida, quando o importante é dar liberdade para o professor trabalhar os três momentos", observa Ana Mae, a primeira doutora de arte-educação do país. Nesta entrevista, ela fala desses três momentos - o fazer artístico, a leitura da obra de arte e a história da arte - e de como eles têm sido e podem ser trabalhados na escola.

Entrevista / Ana Mae Barbosa

"Os alunos precisam saber de onde vêm suas imagens"



Como o Brasil se situa no contexto do ensino da arte?

Ana Mae - É surpreendente o respeito que os outros países têm pela Arte-educação do Brasil. É a mais atualizada e ousada da América Latina. Aqui tivemos a primeira pós-graduação em Arte-educação. Durante uns dez anos fui a única doutora, mas hoje temos uma produção boa que influencia países como Argentina, Chile e Colômbia.

Isso quer dizer que o ensino universitário da arte é de boa qualidade?

Ana Mae - Não. A concepção de arte que se ensina na graduação é do século XIX. Na escola continua se separando aulas de pintura, gravura, escultura etc. e não há crítica da arte. Os bons professores de arte se formam em cursos posteriores, de especialização.

A senhora diz que a Proposta Triangular tem sido muito modificada...

Ana Mae - Acho ótimo que seja, mas fico assustada quando encontro pessoas que se fixam na releitura,

na cópia, na pintura e no desenho do artista e não encorajam a problematização da obra. É dessa problematização que deve sair a proposta do fazer.

Como dever ser o ensino da arte na educação básica?

Ana Mae - Na escola regular deve haver professores especializados em teatro, música, dança e artes plásticas. O foco do trabalho deve estar no binômio expressão e cultura, sendo a expressão o trabalho individual do aluno (lápis e papel), e a cultura, a leitura da obra de arte, o conhecimento da obra, do país, do artista e das imagens deste artista. É importante que se diga que a contextualização é o ângulo principal do fazer do aluno. Acho perigoso quando o professor deixa a criança se achar o criador, achar que é o único que descobriu aquele fazer. Isso é desonestidade cultural. É importante incentivar os alunos a procurar de onde vêm suas imagens, investigar quais são suas influências, inclusive para eles se sentirem poderosos a ponto de tomar essas imagens e transformá-las.



No Núcleo de Arte Albert Einstein, grupo de jovens encena versão brasileira de Romeu e Julieta

As mudanças pelas quais as sociedades vêm passando, cada vez mais densas e em ritmo veloz, exigem um repensar das relações que as pessoas estabelecem com todas as coisas, especialmente com seus pares e com o mundo em geral. Em função destas novas demandas, as instituições sociais vivenciam um dinâmico processo de atualização, do qual não podem deixar de participar. Muito menos as escolas, que têm a tarefa histórica de educar crianças, jovens e até mesmo adultos de maneira diferenciada de outros espaços sociais e de favorecer o acesso de todos à mídia, em suas diferentes formas de linguagem - das publicações à informática, passando pela TV e pelo rádio. Face a estas mudanças, torna-se necessário que as escolas repensem suas posturas, atividades e compromissos - explicitando o que deve ser mantido, o que precisa ser redimensionado e o que pode vir a ser implementado para garantir o sucesso de professores e alunos, na vida pessoal e coletiva, dentro e fora de seus muros.

Onde o saber tem que ter sabor

Pode-se afirmar que, no início deste século, educar significa agregar saberes escolares de alunos e professores ao mundo da cultura, do trabalho, do meio ambiente, das novas linguagens, da vida social e familiar, entendendo alunos e professores como pessoas únicas, singulares, membros de um grupo que tem história - passada, presente e futura - e que se transforma continuamente. Educar, nos dias atuais, exige um exercício de encontro, de busca, de eco e de significação das áreas de conhecimento (Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, História etc.), com os aspectos da vida cidadã (saúde, sexualidade, vida familiar e social, entre outros) e com os valores (solidariedade, ética etc.). Educar é pôr em prática um currículo integrado em diferentes aspectos, o que encontra respaldo na própria legislação.

O Brasil optou por não ter um currículo nacional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96) propõe, sim, um núcleo comum nacional e uma parte diversificada que atenda às peculiaridades de cada região, de cada sistema escolar do país. Para orientar as escolas neste sentido, o Conselho Nacional de Educação elaborou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (Educação Infantil, ensinos Fundamental e Médio). As DCNs estabelecem como os sistemas escolares brasileiros e as próprias unidades devem organizar seus respectivos Projetos Políticos Pedagógicos, de maneira a estarem expressos e refletidos neles a integração entre as áreas de conhecimento, os aspectos da vida cidadã e os valores necessários para a constituição de uma cidadania plena.

Integração que se traduz por meio dos Princípios Éticos de autonomia, de responsabilidade, de solidariedade e do respeito ao bem comum, dos Princípios Políticos dos direitos e deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática, e dos Princípios Estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais. Todos estes princípios foram elaborados com base nos conceitos de crianças e adolescentes, nos paradigmas curriculares, nos processos de avaliação, na gestão educacional e nas teorias que inspiram as práticas pedagógicas.

Princípios - Na verdade, o texto das DCNs vem ratificar o Núcleo Curricular Básico da Rede Municipal de Ensino do Rio - a MultiEducação -, aprovado em 1996, já que tanto um quanto o outro se põem à disposição de educadores para apoiar sua tarefa cotidiana.

A MultiEducação, por exemplo, é estruturada em torno de quatro Princípios Educativos - meio ambiente, trabalho, cultura e linguagens - e quatro Núcleos Conceituais - identidade, tempo, espaço e transformação. Estes princípios e núcleos foram escolhidos porque os alunos identificam-se com os meios físico, econômico e social. Criam cultura expressando-a por meio de diferentes formas de linguagem. Nascerem e constroem sua identidade nas relações que estabelecem consigo, com o meio em que vivem e com os ►

Tatiana da Costa Gonzo e Luis Paulo Alves, alunos da Escola Municipal Joaquim Abílio Borges, Botafogo, Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ)



outros; em um determinado tempo histórico, psicológico e sociocultural. Transformam a sociedade e são transformados por ela. A relação dos Princípios com os Núcleos Conceituais justifica-se pela atual necessidade educativa de alunos e professores, que não devem lidar com os conhecimentos de forma fragmentada. Esta é uma tentativa de ultrapassar os limites reducionistas entre as áreas de conhecimento.

No entanto, depois de dez anos de vida de um currículo, no caso da MultiEducação, entende-se que já estejam claros seus pontos fortes, de convergência e de divergência, as possíveis lacunas existentes e os acertos expressivos. Diante disso, a escola pode

iniciar uma reflexão da MultiEducação, a partir do estabelecimento de outros tantos Princípios Educativos ou Núcleos Conceituais que, segundo ela, devem ser trabalhados com maior destaque, como, por exemplo, ciência e tecnologia, vida familiar e social, saúde e tantos outros.

A reflexão, a redefinição e o reordenamento de um currículo são explicados pela própria dinâmica da escola. Se o currículo é um documento-base que norteia a ação pedagógica dos educadores, as demandas vivas e legítimas que se expressam na relação entre professores e alunos devem ser os indicadores de qualquer atualidade deste mesmo documento. Portanto, inegavelmente, o professor é o condutor-mor das iniciativas de avaliação dos currículos, que devem ser tecidos sob sua mediação ao considerar as histórias de vida de todos os que integram a escola, as várias expectativas em relação à vida e à escola, as características gerais da infância e da juventude e as particularidades das crianças e dos jovens em cada etapa de suas vidas.

Diálogo - A sistematização dos saberes só terá sabor ou será proveitosa quando fizer sentido para cada um dos

alunos, para a turma, para a comunidade escolar, e tiver conexão com a realidade deles. Direito dos alunos e dever dos professores que devem estar traduzidos no projeto de trabalho de cada membro da escola. Para isso acontecer, o corpo docente de cada unidade escolar precisa trocar informações, dialogar, perceber e entender quais são os objetivos de sua própria escola e a história de vida daquela comunidade, quem são seus alunos, sem distinção, promovendo e favorecendo a educação inclusiva.

Contudo, a compreensão da diversidade situa-se não apenas em um inventário da vida dos alunos, mas também no movimento de entender as formas de organização da sociedade, capaz de nos apontar caminhos na constituição de uma

convivência com os alunos, onde igualdade e diferença não são pólos opostos, mas complementares. Nesse contexto, não se pode esquecer dos outros suportes de conhecimento, das diferentes formas de expressão, de todas as linguagens e, ainda, da qualidade das relações que alunos e educadores estabelecem com isso tudo.

A presença e o papel da mídia, por exemplo, é, mais do que nunca, extremamente visível. Os meios de comunicação estão por toda parte, entretendo, informando, propagando ideias. Disseminam informações a uma velocidade como nunca se viu. Estabelecem relações sobre os mais variados assuntos, utilizando os mais modernos recursos tecnológicos.

A professora Maria Aparecida Baccega, do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo (ECA-USP), afirma que a escola não pode ficar de fora dessa realidade: “Querendo ou não, a escola é parte dessa cultura. É preciso incluir no planejamento as diferentes linguagens da cultura, dar espaço à oralidade, às narrativas pessoais e audiovisuais, às diferenças, no lugar da igualdade, e ao movimento, no lugar do estático. O professor passa a ser o coordenador das atividades, sujeito pleno de interrogações, cujas respostas se constituem em processos a serem trilhados juntamente com seus alunos”.

Considerar as práticas escolares - de acordo com a professora -, tendo em vista os canais de comunicação e as novas tecnologias, passa por pelo menos três pontos: pelo diálogo crítico com os meios; pelo reconhecimento das possibilidades operacionais, isto é, os alunos devem aprender como se produzem as linguagens da mídia; e pela melhoria da infra-estrutura tecnológica da própria escola. “As tecnologias estão presentes na escola pelo simples fato de na escola estarem pessoas, sujeitos culturais que as carregam em seus

fazer e seus pensar. Vivemos em um mundo editado, em que a parte apresentada, que já passou por numerosos filtros, atendendo a variados interesses, nos é apresentada como o todo, em um processo metonímico perverso. É o resultado dessa edição que constrói nossa visão de mundo, que preenche nosso imaginário sobre outras realidades, outras pessoas, outros valores. Mediar a constituição de significados dessas tecnologias e colocá-las a serviço dos objetivos educacionais é o que se pretende”, explica Maria Aparecida Baccega.

Mas, na prática, de que forma os professores podem fazer isso? Silvío Gallo, professor do Departamento de Filosofia e História da Educação da Unicamp, ►

Entrevista / Leila Blanco

"A busca de uma pedagogia diferenciada que atenda a todos é um desafio"

Leila Blanco, diretora do Instituto Helena Antipoff (IHA), aposta no currículo integrado e no processo de inclusão de portadores de necessidades educativas especiais em sala de aula. Em entrevista à **Nôa da Escola**, Leila explica que a escola inclusiva reflete, na verdade, um movimento mundial e que os obstáculos que possam dificultar esse processo devem ser vistos como desafios a serem vencidos por todos.

A SME vem investindo na inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais especiais nas salas regulares. Esta ação propicia um repensar do próprio Projeto Político Pedagógico das escolas?

Leila Blanco - A SME tem uma política educacional inclusiva, o que significa o direito de matrícula e uma educação de qualidade a todos os alunos, entre eles os que apresentam deficiência e aqueles com altas habilidades. A proposta de uma escola inclusiva refletiu um movimento mundial e está intimamente relacionada ao conceito de resposta educativa, que aponta como tarefa da escola a função de discutir, de modo coletivo, as alternativas pedagógicas que atendam às necessidades educacionais de todos os seus alunos. A busca de uma pedagogia diferenciada que atenda adequadamente todos os alunos é fundamental e um desafio. Sendo assim, o Projeto Político Pedagógico de cada unidade escolar deverá ser elaborado a partir da análise da realidade de cada comunidade. A diversidade de alunos existente no âmbito escolar deverá ser contemplada nesse projeto. Após o levantamento das necessidades educacionais dos alunos, diferentes estratégias deverão ser pensadas para atendê-las. E na discussão do Projeto Político Pedagógi-

co que a questão da inclusão e do atendimento à diversidade será contemplada.

As escolas estão, de fato, considerando a inclusão como um aspecto importante da vida cidadã e que deve ser trabalhado com os alunos?

Leila Blanco - A discussão sobre a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais ocorre nos diferentes níveis de atuação da SME (central, regional e local). De modo geral, os professores e alunos da rede pública municipal estão vivenciando a prática da inclusão no interior de suas escolas, sim, o que auxilia toda a comunidade a refletir e repensar valores como ajuda, cooperação e respeito, e conceitos como possibilidade, diversidade etc. Essa interação faz com que os indivíduos se modifiquem, se transformem e, assim, venham a colaborar com suas atitudes na mudança da sociedade.

Quais os obstáculos que impedem, de modo geral, o pleno exercício da política de inclusão?

Leila Blanco - Políticas públicas de inclusão estão cada vez mais impulsionando e garantindo a transformação da sociedade, que se abre para um contexto menos hostil para o indivíduo com deficiência. O governo do Rio de

Janeiro, por meio de suas secretarias, está implementando ações diferenciadas, em várias áreas, para favorecer a inclusão desses cidadãos. Uma grande preocupação é a acessibilidade. Garantir o direito de ir e vir ao deficiente é fundamental. Prover a cidade com recursos físicos que auxiliem na locomoção de deficientes físicos, visuais etc. tem sido uma tarefa perseguida pela Prefeitura. A preocupação com a formação continuada dos profissionais de diferentes áreas que atuam com indivíduos que apresentam necessidades especiais também tem sido um aspecto bastante discutido entre as diferentes secretarias, que buscam, constantemente, ações conjuntas, de modo a trazer esclarecimentos para auxiliar no processo de inclusão. Diferentes estratégias que levam à reflexão estão sendo realizadas e vêm ajudando na transformação do imaginário social, a fim de mudar a visão do deficiente da impossibilidade para a possibilidade. Os obstáculos que possam dificultar o processo de inclusão devem ser vistos como desafios para os governos e para toda a sociedade que deve possibilitar a reflexão e a busca de soluções para favorecer a inclusão.

Que medidas estão sendo tomadas para preparar o professor para lidar com as crianças portadoras de necessidades educacionais especiais?

Leila Blanco - A SME, por meio do IHA, vem oferecendo um Curso Básico de Educação Especial para os professores que desejem atuar como regentes em alguma modalidade de atendimento da Educação Especial. O curso também contempla profissionais de outras instituições e pessoas da comunidade interessadas na discussão sobre a construção de uma escola inclusiva. Além destes cur-

ros, as equipes do Instituto Helena Antipoff acompanham os profissionais das escolas que atuam com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais. Diferentes estratégias são elaboradas para a formação continuada dos professores: visitas técnicas de acompanhamento, cursos, reuniões, palestras e consultorias. São envolvidos nessas atividades professores regentes, diretores de escolas e coordenadores pedagógicos, de modo a auxiliá-los na reflexão de sua prática pedagógica, objetivando mudanças que favoreçam cada vez mais o processo de inclusão. Os programas da MULTIRIO também são excelentes instrumentos para o professor, já que sempre abordam temas relevantes para a formação dos profissionais da educação. Muitos intercâmbios com outras instituições são promovidos, a fim de propiciar a troca e o crescimento profissional de todos os segmentos envolvidos no processo de inclusão nas escolas.

A compreensão de como se dá a constituição de conhecimento, conceitos e valores pode favorecer o processo de inclusão em uma determinada escola? Por quê?

Leila Blanco - O conhecimento do processo ensino/aprendizagem permitirá a compreensão e a valorização do que ocorre com cada um dos alunos. Encarando o ensino dessa forma, todas as reflexões feitas pelo professor auxiliarão na elaboração de uma proposta pedagógica que atenda as necessidades educacionais de seu alunado. Montar estratégias que favoreçam as potencialidades e possibilidades de cada aluno através de um ensino individualizado e que preveja as adaptações curriculares adequadas é a grande função do professor.

responde à questão em seu artigo *Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar*: “Como os educadores podem fazer isso na prática? Quebrando, na medida de nossas potencialidades - sem dúvida alguma, sensivelmente limitadas pela burocracia escolar -, a compartimentalização de que é vítima nosso sistema educacional. Podemos tentar fazer de nossos currículos novos mapas, não mais marcados por territórios fragmentados, mas tentando ultrapassar fronteiras, vislumbrar novos territórios de integração entre os saberes”.

Mundo multifacetado - O professor diz que o ensino tradicional leva a uma abstração do real, pois o mundo real é constituído de todo um complexo multifacetado, de uma pluralidade de inter-relacionamentos. Para ele, cada educador pode começar mostrando aos seus alunos que os conteúdos que ensina em suas aulas não estão isolados, mas se relacionam de algum modo com tudo o que o estudante aprende na escola, em casa, na rua, na vida. A escola deve ser, então, um espaço onde conhecer é aprender o mundo em suas múltiplas facetas, tendo a certeza de que não existe um único ponto de vista que dê conta da explicação da realidade física e social.

“Mas para que esta prática possa acontecer, é importante que façamos da escola um grande espaço social, um lugar onde caibam a ousadia, a criatividade, sonhos e diferentes falas. Lugar onde se possa assumir a liberdade de saltar as cercas, quando as exigências desafiadoras do conhecimento forçarem e, especialmente, onde o trabalho solidário entre direção, professores, alunos e suas famílias passe a ser uma prática efetivamente vivenciada” - afirma o texto da MultiEducação. ■

SME inicia debate sobre reforma do MultiEducação

Durante este ano, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) promoverá ampla discussão com seus professores e seus diferentes níveis (central, regional e local) sobre o Núcleo Curricular Básico, a MultiEducação, da Rede Municipal de Ensino do Rio. O objetivo é rever alguns pontos do currículo, aprofundar outros e apresentar novos temas, contribuindo para o dia-a-dia do trabalho do professor.

A diretora Maria de Fátima Gonçalves da Cunha, da Diretoria de Ensino Fundamental (DEF), avisa que todos os professores da rede podem e devem participar da atualização: “Temos uma gestão de escuta. Queremos que todos os professores participem, de fato, desse processo, utilizando-se dos seus diferentes fóruns de discussão: centros de estudos, reuniões com as comissões de professores e outros que possam acontecer em parceria com as coordenadorias e o nível central. A ideia não é produzir outra MultiEducação, mas sim atualizá-la”.

Ética, avaliação, diversidade, multiculturalismo, leitura e escrita, organização escolar em ciclo, progressão, as diferentes mídias, Educação Infantil, inclusão, Educação de Jovens e Adultos são alguns dos assuntos que já estão em pauta. É importante pensar um currículo com um caráter multicultural, que se preocupe com a formação da identidade na diversidade. “Respeitar o multiculturalismo na sala de aula não é apenas valorizar o que cada aluno traz consigo e compartilhar suas vivências coletivamente. É ir além. É entender que existe algo na constituição de cada sujeito que, ao mesmo tempo, é particular e único, foi constituído no processo coletivo de interação social. Quando temos clareza disso, produzimos um espaço dialógico de produção de conhecimentos. Vivenciamos, de fato, uma grande troca de saberes, de valores, de vida. A escola precisa estar atenta porque a forma que cada um tem de aprender, de pensar e de ver o mundo é diferente e está relacionada às suas experiências coletivas e à constituição de sua identidade. Vamos aprofundar esse tema assim como outros que, pensados com os professores, têm o propósito de possibilitar aos educadores o acesso a mais instrumentos de reflexão sobre a sua prática, o seu cotidiano e o currículo escolar”, avalia Maria de Fátima.

A atualização da MultiEducação permitirá, ainda, que a escola possa rever o seu Projeto Político Pedagógico, o seu planejamento, o seu processo de avaliação e a sua ação pedagógica. Assuntos que estão interligados à proposta curricular da rede, como explica a diretora: “O currículo é um aporte para a ação pedagógica do professor. Não é uma camisa-de-força, nem pode ser. Ele tem que ser aberto, como já é a MultiEducação, a qual permite a interlocução entre as áreas de conhecimento e a construção de propostas pedagógicas diferenciadas, comprometidas com a identidade de cada unidade escolar. A ação pedagógica desenvolvida a partir de estudos, reflexões e atualizações da MultiEducação aponta para um processo bastante significativo, no qual o respeito à diferença é a possibilidade dos alunos e professores refletirem sobre a constituição da identidade na coletividade, que situa o espaço escolar como o *locus* de representação e sistematização de saberes”.

Os professores que quiserem enviar sugestões de temas para serem discutidos durante o trabalho de atualização da MultiEducação podem encaminhá-las pelas Divisões de Educação das Coordenadorias Regionais de Educação, pela comissão de professores da rede e pelo site da MULTIRIO (www.multirio.rj.gov.br), onde há um formulário para ser preenchido. O Departamento Geral de Educação também estabelecerá outros canais de comunicação com a rede.

Currículo, mídia e cultura

A complexa rede de produção, veiculação, consumo e apropriação de imagens, textos e sons, através da experiência cotidiana com os diferentes meios de comunicação, é responsável hoje por um imenso volume de trocas simbólicas e materiais entre sociedades, nações, grupos sociais, indivíduos. Pode-se dizer que em nosso tempo a mídia tornou-se um espaço privilegiado na construção social dos sujeitos. Os espaços tradicionais de doação de identidade, como a escola e a família, parecem tornar-se frágeis, na medida em que a formação dos sujeitos também ocorre com a decisiva participação da televisão, do rádio, das revistas, dos jornais – onde também aprendemos, todos os dias, modos de ser e estar neste mundo.

Ora, incluir a mídia no currículo escolar torna-se uma exigência política e social da maior importância. Se queremos saber mais sobre nosso tempo, sobre a cultura em que vivemos, sobre os modos de vida que produzimos e que nos produzem, é preciso lembrar que os meios de comunicação existem não apenas para informar, divertir, ocupar nosso tempo, vender produtos. A mídia traz, junto com tudo isso, formas de comunicação, modos de contar histórias, de usar a linguagem, de descrever como são ou devem ser crianças, jovens, adultos, pobres e ricos, mulheres e homens, negros, brancos, grupos de todas as etnias e condições sociais.

Integrar a TV, o rádio, as revistas e os jornais ao currículo escolar significa transformar a mídia em objeto de estudo. Significa trazer seus produtos para a sala de aula com o objetivo de fazer leituras cotidianas do social veiculado na mídia. Significa estabelecer com os alunos relações entre as narrativas da mídia sobre nós mesmos, nosso País, o mundo, e aquilo que nós pensamos, sentimos e entendemos sobre aqueles mesmos temas, aqueles personagens, aquelas vidas. Significa também aprender formas de expressão, de linguagem, como é o caso da linguagem publicitária, da linguagem ficcional de telenovelas, da linguagem informativa dos telejornais.

A sugestão é que se faça um aprendizado cotidiano de outras linguagens e modos de comunicar, com o objetivo de reelaborar e incorporar criticamente na escola todas essas informações e imagens. Nesse trabalho, vamos aprender que as “verdades” são

sempre construídas e que as lutas pelo poder são cada vez mais lutas simbólicas. Dominar símbolos e signos da mídia é tarefa urgente, para a qual estamos todos convidados. ■

* Rosa Maria Bueno Fischer é doutora em Educação, jornalista e professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalhou na TV Educativa do Rio de Janeiro, como coordenadora pedagógica de produção de programas para crianças, adolescentes e professores de Ensino Fundamental.



A vez das cooperativas

Estado do Rio de Janeiro tem 232 mil cooperados

A taxa de desemprego no Brasil é de 11,6% - segundo dados de fevereiro deste ano do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O número de pessoas sem emprego cresceu 4,1%. Hoje, são aproximadamente 2.386 milhões de indivíduos à procura de trabalho. Deste total, de acordo com o último relatório do instituto, 40% têm mais de 11 anos de estudo.

Há três anos, a costureira Neusa Maria da Costa e seus vizinhos, moradores de Bangu, zona oeste do Rio de Janeiro, engrassavam essas estatísticas. Sem conseguir emprego, mas com muita disposição para trabalhar, eles resolveram se juntar e criar uma cooperativa. Não sabiam o que era e como funcionava, mas tinham algumas informações de que a ideia poderia vingar: "Então fomos à luta. Procuramos instituições privadas e órgãos do governo para conhecer melhor o que era uma cooperativa, os prós e os contras. Foi muito difícil no começo, mas hoje estamos caminhando. Todos nós somos donos da empresa, participamos das decisões e encaminhamentos e lutamos para que ela continue firme e forte. A cooperativa, hoje, tem nome e tido, chama-se Vale das Safiras. É o nosso ganha-pão".

Ganha-pão que vem crescendo cada vez mais no Brasil. A história de Neusa e de seus vizinhos é apenas um exemplo. Dados da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) mostram que existem atualmente no país 7.546 cooperativas, sendo 1.262 funcionando no Estado do Rio de Janeiro. Juntas, possuem cerca de 232 mil cooperados e empregam 7.500 pessoas.

De acordo com a OCB, criar uma cooperativa é simples. Grupos de, pelo menos, 20 pessoas com a mesma profissão podem organizar-se para consti-

tuir uma, oferecendo mão-de-obra ou produtos para empresas. Para isso, basta que um dos cooperados vá à Junta Comercial de sua cidade com a ata de formação da cooperativa e o seu estatuto, além dos documentos dos cooperados. É preciso ainda efetuar a inscrição na Receita Federal do CNPJ, viabilizar a Inscrição Estadual e Municipal e dar entrada no alvará de licença do estabelecimento.

Uma *via crucis* relativamente trabalhosa que requer conhecimento e atenção. Mas que nem de longe vem tirando o objetivo de muitas pessoas, como vem constatando a OCB. De acordo com a instituição, uma das vantagens da formação de cooperativas é a economia proporcionada pela cooperação, onde o cooperante corre menor risco no seu negócio, o custo operacional é dividido e tem maior poder de negociação".

E não é só isso: o fato de serem donos do seu próprio negócio estimula os cooperados, elevando sua auto-estima. Hoje, o sistema cooperativista é reconhecido como um dos mais adequados e indicados para atender aos interesses dos trabalhadores.

Mas as cooperativas devem tomar cuidados especiais, como explicam Karina Monteza e Marcos Leite, coordenadores do Programa Cooperativas Populares da Secretaria Municipal de Trabalho e Renda da Prefeitura do Rio de Janeiro: "As cooperativas são responsáveis por sua autogestão, respondendo por seus próprios êxitos e fracassos. Portanto, é importante que se

Para legalizar sua cooperativa

- Elabore o estatuto da cooperativa e aprove entre os cooperados;
- Obtenha o registro da cooperativa na Junta Comercial do Estado do Rio de Janeiro;
- Inscreva a cooperativa no CNPJ, nas agências da Receita Federal;
- Requeira o Certificado de Aprovação junto ao Corpo de Bombeiros;
- Providencie a inscrição Estadual e o alvará de Licença para Estabelecimento e a Inscrição Municipal.

viabilize um processo permanente de capacitação cooperativista de todos os seus membros e uma integração com outras cooperativas para troca de experiências e mútuo fortalecimento. A organização de pessoas em cooperativas pode contribuir para melhorar a sociedade com novas oportunidades de trabalho, justiça social e maior equilíbrio na distribuição de renda".

A autogestão fiscal e administrativa é um dos principais obstáculos ao dia-a-dia das cooperativas. Muitas delas acabam fechando por conta disto. Desde 1998, o Programa de Cooperativas Populares da Prefeitura do Rio vem tentando auxiliar as cooperativas neste sentido. O programa oferece, gratuitamente, para a comunidade uma palestra sobre como montar uma cooperativa e suas vantagens e desvantagens. Além disso, a Prefeitura também dá suporte técnico e administrativo para a criação e o acompanhamento de cooperativas. Neste ano, o programa visa formar 25 cooperativas. "Damos o caminho das pedras para os futuros cooperados. Ajudamos a montar a cooperativa. Todos os gastos ficam por conta da Secretaria Municipal de Trabalho e Renda da Prefeitura do Rio. Oferecemos cursos básicos e específicos de acordo com a área de atividade da cooperativa. Há aulas de gestão fiscal, administrativa, empreendedorismo, ética e corporativismo", completa Karina.

De acordo com dados da OCB, as cooperativas brasileiras estão divididas em treze ramos distintos, entre eles agropecuária, consumo, crédito, educação, produção, turismo, saúde, habitação e transporte. ■



Projetos de cooperativas podem ser encaminhados para a Secretaria Municipal de Trabalho e Renda - Projeto Cooperativas Populares Praça Pio X, 119, 6º andar, Centro, Rio de Janeiro.

Outras informações:
(0xx21) 2588-9106/9088 • ouvidoria@pcpr.rj.gov.br



Incubadora de novos talentos

Rio ganhará em agosto espaço voltado para a prática e pesquisa de dança contemporânea

Concebido para ser um ponto de referência para os profissionais da área, o Centro Coreográfico do Rio (CCR) vai inscrever, definitivamente, a Cidade Maravilhosa no cenário mundial da dança. O espaço, instalado em uma antiga fábrica de cerveja na Tijuca, Zona Norte, será o único complexo arquitetônico da América Latina construído especialmente para atividades de dança.

A ideia do Centro, levada a cabo pela Secretaria Municipal de Cultura, nasceu no início dos anos 1980, quando bailarinas do quilate de Regina Miranda, Rossela Terranova e Angel Vianna, entre outras, começaram a reivindicar um espaço para a dança contemporânea. "Nesta época, a dança jamais ocupava os horários nobres dos teatros. Não havia uma sala onde pudéssemos investir na formação de platéia e de bailarinos", lembra-se Regina, coreógrafa e atual diretora do CCD.

Vinte anos depois, o Centro ganha forma em um prédio tombado pelo patrimônio histórico, que está em fase final de obras. Com previsão de inauguração para agosto, o CCR abrirá suas portas ao público com a missão de estimular a experimentação e o aprofundamento das questões relativas à dança. Profissionais da área ou ligados de alguma forma à dança encontrarão lá o ambiente propício para o intercâmbio de diferentes estilos e tendências.

Além de funcionar como uma espécie de incubadora de novos talentos, o Centro abrigará uma biblioteca e espaços para palestras, seminários, cursos, espetáculos - alguns produzidos especialmente para o público infantil -, *workshops* e exposições. Com o objetivo de promover a integração entre diferentes públicos, serão oferecidos cursos para portadores de necessidades educacionais especiais e para a terceira idade.

Parcerias - Outra aposta de Regina Miranda é a parceria para a realização de projetos de trabalho e pesquisa em dança contemporânea. Nesta perspectiva, cinco bolsas serão concedidas anualmente a co-

reógrafos e bailarinos. Nessas ocasiões, os estúdios, localizados no último andar, terão infra-estrutura para funcionar como residências para quem vier desenvolver esses trabalhos. "A ideia é que esses espaços fiquem sempre abertos para que os processos de trabalho dos diferentes grupos sejam acompanhados em ensaios ou aulas abertas", informa a coreógrafa, que também está à frente da Companhia Regina Miranda e Atores-Bailarinos e do renomado Laban Institute of Movement Studies de Nova Iorque.

Mesmo sem ter sido inaugurado, o Centro já está em pleno funcionamento, em três ações distintas. Em dezembro do ano passado foi lançada a revista *Gesto*, que, nas palavras do Secretário Municipal de Cultura, Ricardo Macieira, pretende "promover o diálogo nacional e interglobal sobre a arte da dança". O CCR também conta com um site na internet, que alia *design* moderno, informação, serviço e debate.

Ineditismo - A última das três iniciativas, que, na verdade, é a primeira atividade do Centro em 2003, é o Ateliê Coreográfico. O projeto, inédito em todo o país, vai conceder 100 bolsas de aperfeiçoamento para bailarinos, estudantes de artes cênicas e artistas.

Os testes já foram realizados. Quinze bailarinos foram selecionados para o Grupo Profissional. Eles receberão, além das aulas, uma ajuda de custo de R\$ 700. Os 75 profissionais do Grupo Misto terão quatro horas de aula e poderão, dependendo do seu desempenho, fazer parte do primeiro grupo. Semanalmente, no Espaço Sérgio Porto, esses profissionais participarão de processos de criação com coreógrafos convidados, em sessões abertas ao público.

"Esses bailarinos, de todas as classes sociais e com particularidades corporais diferentes, terão a oportunidade de interagir em um contexto que percebe a diversidade corporal como elemento enriquecedor do processo de criação", observa Regina Miranda.

Profissionais da área, como a professora Ana Lúcia de Azevedo Dias Pereira, coordenadora da Mostra de Dança da Secretaria Municipal de Educação, estão comemorando a criação do Cen-



O Centro Coreográfico do Rio deve ser inaugurado no segundo semestre deste ano. Para saber mais sobre o projeto, acesse os sites www.rio.rj.gov.br/rioarte e www.rio.rj.gov.br/centrocoreograficodorio

A revista *Gesto* é vendida e pode ser encontrada em alguns pontos de venda, como livrarias da cidade. O site da publicação é www.rio.rj.gov.br/centrocoreograficodorio

tro: "Um espaço como este tem o seu valor a partir do momento em que possibilita que as mais variadas pessoas interessadas se encontrem para discutir e se aperfeiçoar na arte da dança. Defendo que a dança, como área de conhecimento, como arte, faça parte da grade curricular". Ana organiza a formação continuada dos professores da rede e já pensa na possibilidade de parceria com o CCR para a realização do curso. ■

Regina Miranda (esquerda) comanda os testes para o Ateliê Coreográfico, primeira ação do Centro Coreográfico do Rio em 2003



O mediador da leitura na escola

Estimular o professor a contar sua história é o passo inicial para que ele se torne um contador de histórias

A formação de leitores tem sido, nas últimas décadas, uma das maiores preocupações dos órgãos governamentais, em função, principalmente, dos graves resultados apontados nas pesquisas elaboradas para avaliar a qualidade da escola de Ensino Fundamental. Algumas reflexões sobre a questão são importantes e talvez indiquem caminhos que, se percorridos, nos apontem saídas para esse impasse. Para enriquecer nossa reflexão, é necessário contextualizar, ainda que de forma breve, alguns fatos que fazem parte da história da formação de leitores no sistema público de ensino.

Até meados do século passado, o acesso à escola era limitado a uma pequena parcela da população, constituída, primordialmente, de crianças e adolescentes oriundos da classe média. Até então, não havia uma política específica do governo voltada para a formação de leitores. A escola pública utilizava, no primeiro segmento, antigo curso primário, livros didáticos que apresentavam, entre outros textos, fábulas, lendas, poesias e narrativas de experiências vividas por personagens célebres, sempre com o intuito de difundir valores éticos e morais. Nessa época, vivíamos a era desenvolvimentista, que se iniciara em 1930.

Com as transformações políticas e sociais ocorridas a partir da década de 1960, as escolas públicas se abriram para atender a uma grande parcela da população que ainda não tinha acesso a esse bem. É nesse contexto que se instaura, nas escolas públicas primárias, o projeto "Atividades de Bibliotecas e Auditórios", uma das iniciativas mais interessantes já implantadas nesse segmento, pois tinha como objetivo a formação de leitores e valorizava a arte de contar histórias. Justificando-se pela necessidade de otimizar as salas de aula e disponibilizar o maior número de professores para o atendimento a um contingente já expressivo de alunos, o governo extinguiu esse projeto. Em 1985, com a construção dos CIEPs, teve início o projeto das salas de leitura, que se mantém, ainda hoje, nas escolas do município. Enquanto isso, continuamos liderando as pesquisas que apontam para um grande índice de analfabetos funcionais, para o despreparo do professor, para os estudantes que, apesar de in-

gressarem no Ensino Fundamental, não o concluem (59%, segundo os últimos dados do INEP, coletados até 2001).

Ainda que muitas mudanças, nas últimas décadas, tenham contribuído de forma relevante para a melhoria do sistema educacional, como a autogestão e a maior participação e envolvimento das comunidades nas escolas, muita coisa ainda precisa ser feita para que se chegue a um ensino de qualidade. Paralelo a essas medidas, que, indiscutivelmente, trouxeram benefícios para a instituição escolar, é importante desenvolver um trabalho efetivo que priorize a formação de leitores.

Entendemos que a condição essencial para atingir esse objetivo envolve, especificamente, o professor, pois o aluno das escolas públicas, de modo geral, não tem outros modelos de leitor. Voltemos nosso olhar para esse profissional. Embora as especificidades da profissão limitem a troca de experiências aos minutos do recreio, é possível colher alguns depoimentos de professores acerca de suas práticas

leitoras. Às vezes, os dados colhidos trazem surpresas agradáveis, mas, normalmente, comprovam que o professor lê muito menos do que deveria.

As justificativas apresentadas para esse fato vão desde a falta de condições financeiras para adquirir livros até o desinteresse ou a escassez de tempo. Analisando esse quadro, conclui-se que o nó górdio da questão dos projetos de formação de leitores que se tenta implementar na rede escolar pública descuida de um dos elos principais da cadeia da leitura: o professor, que, assim como o livreiro, grande mediador da leitura, no início da nossa história de leitores, hoje passa despercebido nessa função. O professor é o grande mediador da leitura na instituição escolar.

Se esse elo se enfraquece, nenhum projeto de formação de leitores, por melhor elaborado que seja, atingirá seu objetivo. É para que esse profissional se fortaleça é necessário envolvê-lo nas propostas, priorizar sua formação, ouvir a sua voz, pois o professor está muito só na sua prática. Por falta de espaço de trocas, ele não se faz ouvir. Há poucas oportunidades para que conte a sua história. Propiciar ao professor a oportunidade de contar a sua história de leitor é o passo inicial para que ele se torne um contador de histórias, sua função primordial na formação de leitores.

E formar leitores não é responsabilidade, apenas, do professor de Português. Todo professor precisa fazer da sala de aula um espaço favorável à leitura. Essa é a perspectiva que deve direcionar o seu trabalho, porque a leitura é um recurso privilegiado de democratização do saber. Entretanto, poucos praticam a leitura na sala de aula. Ao invés disso, preocupados com a "matéria", com o "programa", priorizam, em suas atividades, a cópia de conteúdos.

Apesar desse enfoque de alguns profissionais, imbuídos, sem dúvida, das melhores intenções, nosso aluno troca bilhetinhos, troca agendas e lê. Porque o aluno lê. Lê com o professor, sem o professor e apesar do professor. Lê o que lhe interessa e, certamente, seu interesse não é a classificação do sujeito, do predicado, ou o conceito de complemento nominal. A definição de sujeito, aliás, só terá sentido para este aluno quando ele se reconhecer sujeito do seu próprio discurso e da sua história. Essas reflexões, certamente, não esgotam o tema. Entretanto, são o primeiro passo para operarmos transformações que nos conduzam à autonomia, enquanto nação. É a prática reflexiva que promove a autonomia e isso só é possível através da leitura. Não há outra saída.

O objetivo, pois, de um projeto de formação de leitores deve ser focalizar a ação, prioritariamente, sobre o professor, no sentido de lhe dar apoio consistente, através de programas que realmente privilegiem sua formação continuada, dentro de uma perspectiva da maior relevância, a formação do professor leitor. É preciso investir nessa ideia, pois só o professor leitor pode formar uma sociedade leitora. ■

Stella de Moraes Pellegrini
 • Professora de Língua Portuguesa da Escola Municipal Joaquim Abílio Borges, Botafogo, Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ)
 • Mestre em Literatura Brasileira



Se você quiser colaborar com esta nova seção envie-nos seu artigo por e-mail (dpub_multirio@pcjr.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15-9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Para sua atualização

A Educação Infantil e a preservação do meio ambiente são os destaques deste número

Revista

Nós da Escola Cartazes - Revistas 12, 13 e 14

Sinopse

Os cartazes que acompanham a revista Nós da Escola números 12, 13 e 14 destacam a atuação do professor de Educação Infantil. Em cada um dos encartes foi valorizado um aspecto do trabalho com crianças de 3 meses a 5 anos e 11 meses de idade, como a importância da experimentação com diferentes tipos de objetos, a promoção de uma convivência estimulante entre crianças e a importância do papel formador do adulto nos primeiros anos de vida.

Na Escola

A faixa etária de 3 meses a 3 anos e 11 meses foi recentemente incorporada ao público atendido pela Rede Municipal de Ensino. Estes cartazes têm o objetivo de sensibilizar o professor deste segmento de Educação Infantil para as possibilidades de atuação com crianças dessa faixa etária. Aliar uma atuação com intencionalidade, respeitando o universo da criança pequena, que envolve trabalhar corpo, afetividade, ludicidade, é um desafio.

Proposta de Trabalho

As diferentes situações em que crianças estão retratadas sugerem interações com objetos e pessoas. Procure refletir sobre o valor de cada situação.

Experimentando Objetos (Revista 12)

Organize as atividades de forma que as crianças sintam-se estimuladas a agir sobre os materiais, realizando descobertas e compartilhando-as com outras crianças. Ofereça objetos com características variadas e, principalmente, fique disponível para observá-las durante suas experiências com tais objetos (puxar, empurrar, encaixar, encher, esvaziar, apertar, balançar, dentre tantas outras). Estimule também diferentes brincadeiras com esses objetos, dando "asas" à imaginação infantil.

Interações entre as Crianças (Revista 13)

Antes de pensar no seu planejamento diário, crie espaços de observação permanente e em diferentes momentos do cotidiano da Educação Infantil, em relação às situações de convivência, como a hora da alimentação, o banho, o pátio, a hora da entrada, o sono, o momento do conto de histórias, entre outras. Essas observações serão de extrema importância para que você,



professor, promova, mais adiante, momentos de interação mais adequados às necessidades de cada criança. É muito importante perceber que essas interações são momentos de intensa aprendizagem para o desenvolvimento infantil.

Professor, não esqueça que a escola é um espaço que favorece a convivência socializadora e afetivamente qualificada, principalmente entre as crianças.

A Importância do Adulto Referência (Revista 14)

As situações destacadas nos cartazes anteriores serão mais satisfatórias quanto maior for a compreensão do professor de sua função educativa como referência afetiva, a fim de conquistar a confiança necessária para que a criança se aventure em suas iniciativas exploratórias. Ele também deve ser organizador de um ambiente que propicie diferentes momentos de aprendizagem e mediador das situações espontâneas de aprendizagem (das crianças com objetos, com outras crianças e com os diferentes espaços disponíveis).

Professor, fique atento para um aspecto fundamental do seu trabalho com as crianças: a comunicação não-verbal (o toque, o olhar, as expressões faciais). Estar disponível para sentar no chão, participar junto com as crianças de brincadeiras em que a atividade corporal predomine, faz parte da construção de vínculos mais saudáveis entre crianças e adultos. Os encartes têm a preocupação de motivar você, professor, que trabalha com este segmento, a buscar mais informações sobre a importância do desenvolvimento psicomotor das crianças durante a primeira infância, considerando-se as diferentes dimensões da constituição da sua personalidade.

Sugestão de Leitura

LAPIERRE, André e LAPIERRE, Anne. *O Adulto diante da criança de 0 a 3 anos - Psicomotricidade relacional e formação da personalidade*. Editora da UFPR. Curitiba, 2002.



Ficha Técnica
Tipo de produção: Material Pedagógico
País: Brasil
Produção: MULTIRIO



Site

O Planeta de Pipsqueak



Sinopse

O Planeta de Pipsqueak é uma série composta de 13 programas com episódios de três minutos de duração, em média. Os programas abordam princípios de conscientização ecológica na história de personagens que habitam um planeta imaginário, onde são encontradas boas soluções para problemas ambientais, apresentando possibilidades de preservação do meio ambiente. A série utiliza uma linguagem didática e apresenta ilustração colorida e bem produzida graficamente.

Na Escola

A série orienta crianças e adultos sobre a necessidade de preservação do meio ambiente e informa as conseqüências ocorridas quando não adotamos posturas conscientes de cuidado e manutenção do mundo a nossa volta. Os programas abordam, entre outros temas, a economia de energia e a água no planeta, a poluição e águas contaminadas, a reciclagem, a harmonia entre os animais e o meio ambiente.

Crie com o grupo de professores de Educação Infantil um projeto que trate das regras de preservação do espaço escolar: pode-se começar por cada sala de aula (limpeza e organização). Elabore um gráfico para registrar a quantidade de lixo que a escola produz por mês e acompanhar como está sendo realizada a reciclagem do lixo produzido. Compare um semestre com o outro e avalie a necessidade de se criar condutas que melhorem a relação da comunidade escolar com o meio ambiente. Também vale percorrer o bairro para que os alunos observem o local e proponham sugestões para eventuais problemas ambientais.



Reprodução

Área de Conhecimento

Ciências

Ficha Técnica

Tipo de produção:

Animação

País: Espanha

Produção: Cromossoma

Programação MULTIRIO

Canal 3 da Net

Diariamente, das 7h30 às 11h30

BandRio

De segunda a sexta-feira, das 7h às 8h e das 14h às 15h

Sábado e domingo, das 10h às 11h

Estas propostas são feitas a título de sugestão. Não é nossa intenção passar receitas ao professor. Consideramos que todos os vídeos podem ser usados por todos os segmentos, em parte ou totalmente. Quem deve fazer esta opção é você, professor!



Educação Infantil



Ensino Fundamental



Vídeo



Professores



Impressos



CD-ROM



Internet

Acervo variado, aluno interessado

Especialistas discutem o que levar em conta na hora de compor a biblioteca escolar

Está tudo pronto para a XI Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, que será realizada de 15 a 25 de maio, no Riocentro. A expectativa dos organizadores é de que a feira seja visitada por nada menos do que 560 mil pessoas. Atividade é o que não vai faltar. Haverá palestras, oficinas, homenagens e rodas de leitura. Isso, é claro, sem contar os últimos lançamentos do mercado editorial. Na última bienal, foram 1.200.

Com tamanha variedade de tipos, ofertas e assuntos com que os visitantes se deparam, que critérios devem ser levados em conta na hora de comprar um livro para crianças ou para compor o acervo da biblioteca da escola? Para auxiliar os professores nesta difícil escolha, a revista Nós da Escola ouviu especialistas da área de Literatura Infantil.

Eliana Yunes, professora de Literatura do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), afirma que, antes de mais nada, é preciso conhecer os interesses e os gostos das crianças, para só depois escolher o livro.

Rosa Strausz, premiada autora de livros infantis, concorda: "A gente dá o livro que combina mais com o presenteado. Mas quando os pais estão escolhendo um livro para seus filhos, abrem-se mais possibilidades. Escolher um livro que diga respeito aos interesses, vivências e expectativas da criança naquele momento pode abrir um interessante caminho de diálogo dentro de casa".

E quando a escolha é feita pelo professor, que deseja adquirir uma publicação para sua escola? Se, por um lado, existem objetivos educativos que motivam o professor a optar por esta ou aquela obra, por outro, há todo um lado afetivo que determina a escolha. ▶

Dicas para sua visitação

O que significa participar da Bienal? O que acontece por lá? Como alunos e professores podem aproveitar a visita para aprender coisas novas? Estas são algumas das perguntas da dinâmica de reflexão que a Divisão de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) recomenda às escolas que visitarão a Bienal deste ano. Simone Monteiro, diretora da divisão, explica que as escolas devem ver o evento como um espaço de formação de novos leitores.

Por conta disso, o estande da SME na Bienal abordará o tema "Ler o mundo, ler a palavra". Serão expostos trabalhos escolares e produtos da MULTIRIO, todos voltados para a formação do leitor, considerando as diferentes mídias (impressos, vídeos, programas televisivos e produtos de informática).

Abaixo, a **Nós da Escola** publica algumas dicas elaboradas pela equipe da Divisão de Mídia e Educação para orientar a visita dos professores.

- Uma vez que o espaço é amplo e comporta muitas atividades para professores e alunos, faz-se necessário planejar um roteiro de visita, selecionando os estandes e as atividades mais adequadas para o seu grupo.
- O professor deve discutir com os alunos a compra dos títulos mais adequados para o acervo escolar. Dar uma olhada na lista de livros recomendados pela Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil, na relação dos títulos premiados (Prêmio Jabuti, por exemplo), pode facilitar a escolha.
- Peça aos seus alunos que elaborem uma lista de livros interessantes - contendo título, autor, editora e preço. As informações levantadas auxiliarão na escolha dos livros.
- Após o retorno da Bienal, promova atividades que dêem continuidade à visita. Algumas propostas: exposição de desenhos, textos ou relatos de experiências sobre a atividade realizada, organização de quadros e/ou tabelas sobre os títulos comprados, classificação dos livros por gênero literário, realização de enquetes sobre as opiniões dos alunos que foram à feira. As informações devem ser socializadas com outras turmas e professores.

"Final, se ele não estiver apaixonado pela obra, se não conhecê-la bem, se não estiver envolvido, como vai conseguir passar o entusiasmo pela leitura a seus alunos?", comenta a escritora Rosa Strausz.

Acervo - Já quando se pensa na criação ou atualização do acervo da biblioteca ou da sala de leitura, é preciso, primeiramente, refletir sobre o lugar da literatura infanto-juvenil dentro da escola. De qualquer forma, uma boa biblioteca deve possuir obras variadas, com o objetivo de respeitar os diversos gostos e níveis de leitura, como explica Rosa: "Na medida do possível, é desejável que toda biblioteca tenha, sim, livros de artes, livros científicos, principalmente aqueles que complementam a matéria que está sendo dada na escola e que permitem aprofundá-la. Afinal, muita gente começa a frequentar a biblioteca por razões puramente utilitárias, como fazer uma pesquisa escolar, por exemplo".

Mas é importante não restringir a escolha com a preocupação exclusiva de trabalhar conteúdos. O acervo da sala de leitura deve oferecer uma riqueza de temas, estilos e materiais compatíveis com a imaginação e a curiosidade das crianças e jovens,

que são, na verdade, ilimitados. A professora Eliana Yunes lembra que na sala de leitura deve constar o melhor da literatura infanto-juvenil: não apenas livros, mas quadros, fotos, discos, CDs. "Isto porque a leitura não é exercício confinado ao verbo."

A pedagoga Marisa Borba, da Casa da Leitura, completa: "A biblioteca escolar deve ser espaço de saber e de formação de leitores críticos. Sendo assim, a principal característica do acervo deve ser, realmente, a variedade. Livros de papel, de plástico, de pano, livros-brinquedos, livros sem ilustração, livros só com ilustração, livros de imagens, contos de fadas, poesia, quadrinhos, história popular brasileira, livros com muito texto e com pouco texto. Indispensáveis são as coleções dos clássicos da literatura universal e de autores e ilustradores brasileiros consagrados, como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Ligia Bojunga, Luciana Sandroni, Ziraldo, Joel Rufino, Roger Melo, Rui de Oliveira, dentre tantos outros".

Porém, o fundamental é incentivar o momento precioso e mágico em que as crianças e os jovens decidem por conta própria os livros que querem ler e conhecer. Na ocasião da escolha, o adulto deve orientar a adequação do livro escolhido ao nível de leitura de cada um. Mas esse é um momento em que a opção é movida pelo interesse, pela curiosidade, o que é sempre singular e importante. ■

Dicas de sites

O site da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) apresenta uma análise detalhada de vários títulos de literatura infantil. Vale a pena conferir!
www.fnlij.org.br

Este site é muito interessante para se estar em dia com o que acontece na área de literatura infanto-juvenil; contatos com escritores, ilustradores e divulgação de serviços são alguns atrativos.
www.docedeletra.com.br

Até o fechamento desta edição, a programação da Bienal não estava fechada. Se você quiser obter informações sobre as atividades da feira, acesse o site www.bienaldolivro.com.br



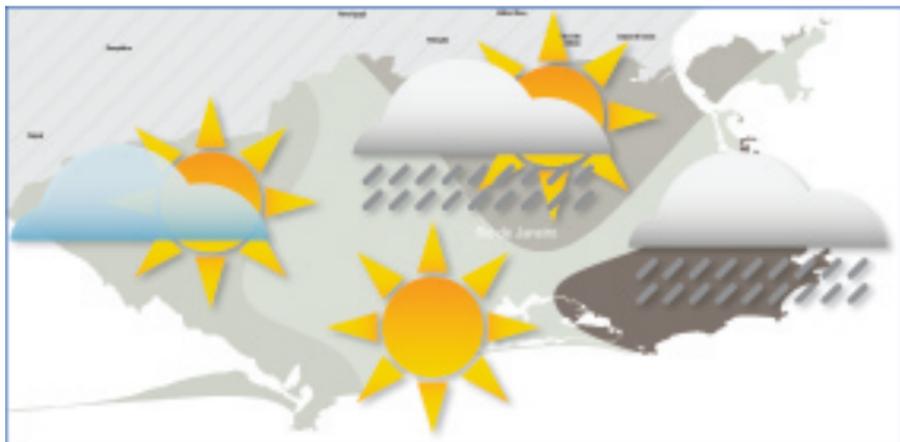
Este é o elenco mais divertido, mais inteligente, mais simpático da TV



Animações com criatividade, compromisso e qualidade, em cada história



BandRio
de segunda a sexta - 7h30
sábado - 10h30
Net canal 3
terça e sábado - 8h



NÓS DA ESCOLA

No próximo número: **Planejamento**